

O POMAR

Já disse que os fazendeiros de cacau do Espírito Santo vivem quase sempre longe de suas fazendas e só as visitam uma vez ou outra, por ocasião da safra. É muito fácil controlar a produção, mesmo à distância, e cada fazenda tem seu administrador, geralmente um homem esperto e rude que veio da estrovença. Esse homem tem o barracão ou armazém da fazenda, que fornece tudo aos trabalhadores ao preço que ele faz. Como não vê dinheiro, o trabalhador compra mesmo ali. O saldo, quando há, é gasto num fim de semana no bairro boêmio do Maracatu, em Linhares...

Admite-se geralmente que o administrador rouba dos dois lados: ao braçal e ao fazendeiro. Rouba a este estipulando salários relativamente altos para os empregados, e a aquele cobrando o diabo pelos gêneros que lhe fornece. Assim o custo do produto é artificialmente elevado, ao mesmo tempo que o salário real do trabalhador é muito baixo. Como assim mesmo o cacau dá lucro, e o fazendeiro não tem de se aborrecer lidando com empregados e pode viver tranquilamente em Vitória, no Rio ou mesmo na Europa, o regime para ele é cômodo. Um deles, mais consciente, e que visita com mais frequência a fazenda, me disse que deu ordem para que no barracão nada fosse cobrado acima do preço do comércio de Linhares. "Fá é um roubo — me disse — mas pelo menos tem um limite."

A distribuição de terra aos trabalhadores, que tantos governos do Espírito Santo já anunciaram e garantiram, é uma burla. O caboclo o mais que faz é abrir um claro na mata, fazer um rancho e depois vender a posse. A lavoura do cacau exige capitais, pois custa anos a produzir, e também porque não se pode, como no caso do café, fazer a pequena lavoura de mantimentos entre os cacauzeiros. O produto é de qualidade inferior pois nem a "tira-deira", ganhando por tarefa, se preocupa em tirar bem a "sibira", nem o estufeiro cuida de mexer melhor as sementes dentro do cocho, na plataforma da "barcaça" ou da estufa.

414

Xerof

É impossível dizer qual é, em média, o rendimento de um cacauzeiro em um ano, no vale do Rio Doce. As estimativas variam muito. A mais otimista que ouvi — francamente otimista — dava, para o caso de um cacau já bem formado, um quilo de cacau seco por ano, isto é, nas duas safras. É mais comum admitir a média de 750 gramas. Mas fiquemos em um quilo: é ridículo, quando se sabe que há árvores que podem produzir de 10 a 15 quilos, e, em número muito maior, árvores que produzem 6 quilos. Está visto que o indicado seria fazer os novos plantios com sementes ou, melhor ainda, com estacas dessas árvores melhores. De frente de Linhares existe um Posto Agropecuário do governo Federal que certa vez começou a fazer o fichamento dos cacauzeiros. A mais estrita justiça manda dizer que esse Posto (no momento sua direção incumbem a um rapaz inteligente e ativo, mas sem recursos) durante seus 20 anos de existência nada fez pela melhoria da cultura do cacau ou de qualquer outra coisa no Espírito Santo.

O quadro da lavoura do cacau é, portanto este: produção, por área, ridiculamente pequena; produto de qualidade inferior, com "sibira", e com o cacau muitas vezes mal fermentado e mal seco; fazendeiro quase sempre ausente; trabalhador mal pago e instável. Juntem-se a isso as flutuações do mercado internacional, muitas vezes devidas a especulações em New York, e a falta de classificação do cacau em Vitória, e é fácil compreender o problema. No momento, em que lhe caiu do céu um aumento de mais de 300 cruzeiros por saca, sobre um preço já remunerador, o fazendeiro de cacau não irá, certamente, pensar em melhorar suas plantações. Se o cacau está dando dinheiro muito, de qualquer jeito... Nas grandes crises do produto, a melhoria da produção também "não compensa"... Geralmente o fazendeiro abonado aproveita essa crise para comprar a terra dos proprietários menores, a preços de ocasião, e aumentar seu latifúndio.

E como flor do regime de latifúndio e monocultura citarei este gesto de um grande fazendeiro do Rio Doce, autêntico: ele tinha formado um grande e belo pomar defronte da sede da fazenda, na beira do rio. Um dia achou que o pomar distraía demais os trabalhadores das lides do cacau e mandou derrubá-lo. É terrível de mau gosto e chega a ser criminoso; mas está dentro da lógica feroz do regime.

12/11/53

R. B.

492